

O CORPO E A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO-ALUNO

Alita Carvalho Miranda PARAGUASSÚ
Universidade Federal de Goiás
alitaparaguassu@gmail.com

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar a participação do corpo na construção do sujeito-aluno, descrevendo a discursivização desse corpo-aluno e desse sujeito-aluno em variadas instâncias discursivas, como o regulamento, a peça publicitária ou a reportagem. Pretendemos abordar essa relação entre corpo e aluno, objetos sociais e culturais, como uma perspectiva a qual pode contribuir para uma produtiva leitura da educação brasileira. De fato, o modo como somos convocados a cuidar do corpo, a cuidar de nós e do outro interfere nas relações entre os sujeitos e entre o sujeito e o mundo exterior, portanto, está intimamente ligado com o ato de conhecer. Seguindo o método arqueogenealógico de Foucault, analisamos discursivamente enunciados pertencentes a diferentes e relativas estabilidades enunciativas, descrevendo e verificando como se fala do sujeito-aluno e de seu corpo, como o aluno e o seu corpo são construídos enquanto objetos de saber e poder.

Palavras-chave: Corpo; sujeito; aluno; saber-poder.

Uma teoria é como uma caixa de ferramentas. Nada tem a ver com o significante... é preciso que sirva, é preciso que funcione. E não para si mesma. [...] A teoria não totaliza; a teoria se multiplica e multiplica.
Deleuze, 1972.

Em trabalhos de Análise de Discurso observamos frequentemente o entendimento do sujeito como uma posição ocupada pelo indivíduo na sociedade, portanto, para ser sujeito é necessário haver uma identificação com uma representação coletiva de determinada função social, a qual lhe permite certas possibilidades de enunciação. Entretanto, a própria Análise de Discurso, ou as várias análises que se nomeiam como tal, define o sujeito como um ser heterogêneo e cindido em si mesmo, assim, um professor não falará apenas como um professor, mas como um sujeito que se identifica em partes com essa função, mas resguarda certas singularidades que nem sempre são sinônimas da representação compartilhada por essa classe.

Sobre esse sujeito como um ser singular poderíamos abordar as questões psicológicas, a memória como uma experiência não somente compartilhada, mas individualizada, entretanto, escolhemos nos deter sobre o corpo, aquilo que inevitavelmente nos torna materiais em meio a outras matérias. Tanto Cardim (2009) como Breton (2010), pensadores respectivamente da filosofia e da antropologia, afirmam o corpo como o elemento que permite a nossa solidariedade com o mundo, compartilhando aspectos de concretude, como é também aquilo que nos separa, que nos individualiza. O corpo permite a limitação do eu e do outro nas relações de alteridade, se seguirmos uma lexicografia bakhtiniana, ou nas relações de poder, se preferirmos os escritos foucaultianos.

Ao sermos introduzidos à Análise de Discurso, francesa, anglo-saxã, crítica, foucaultiana, enfim, entre todas elas há pontos em comum, nos deparamos com a noção de sujeito em oposição à noção de indivíduo, sendo o sujeito a compreensão de que somos singulares, mas não únicos. Ser sujeito é posicionar-se diante de e imerso em uma

coletividade. É impossível ao sujeito ser sujeito sozinho, em meio ao nada, posicionar-se em relação a quem? Para nós, o corpo é o meio pelo qual nos posicionamos imediatamente ao mundo, é o meio pelo qual somos imediatamente visíveis e percebemos imediatamente a presença do outro.

A fim de desenvolvermos uma breve discussão sobre a participação do corpo na construção do sujeito, optamos por enfatizar o nosso gosto pessoal em discutir enunciados vinculados ao discurso educacional. Para tanto, selecionamos uma propaganda de escola particular de 2011, dois trechos do Manifesto dos Pioneiros de 1932 e o trecho de uma reportagem, divulgada no meio virtual, em 2010, sobre as práticas de bullying. Pretendemos discutir os mecanismos de objetivação e subjetivação, ou seja, os processos de constituição do sujeito, dos quais participa o corpo.

Estamos certos de que estudar a relação do corpo com a constituição do sujeito aluno produz fartas compreensões sobre as concepções que temos de educação, de conhecimento, de tolerância. Sobretudo, nos possibilita apreender que sujeito é esse de que a atualidade necessita e que é, então, produzido pelas relações escolares. Por que produzir esse aluno e não outro em seu lugar? Realmente não podemos produzir outro em seu lugar? Com intuito de alargar esses questionamentos nos debruçaremos um pouco sobre os conceitos de objetivação e subjetivação, bem como a necessidade do corpo para que o indivíduo torne-se sujeito. Adiante analisaremos os enunciados já citados e por fim realizaremos uma reflexão sobre essa unidade entre o corpo e o aluno.

1. Objetivar e subjetivar para ser sujeito.

Segundo Fonseca (2003), as leituras em Foucault não nos permitem uma definição exclusiva e exata para os termos objetivação e subjetivação, no entanto, é certo que para o filósofo e historiador francês esses termos correspondem aos processos de constituição do sujeito. Para Fonseca (2003), Foucault entende o indivíduo como objeto ao analisar a sua construção em corpo dócil e útil, já o indivíduo enquanto sujeito corresponde à tomada de consciência de sua própria identidade.

Acreditamos ser impossível separar tais processos, objetivação e subjetivação são de fato processos concorrentes e complementares. Seria uma perspectiva mecanicista e homogênea pensar na constituição do sujeito como uma linha de montagem em que o indivíduo se torna objeto, depois toma consciência de si para então ser sujeito. Se pensamos sobre o corpo, por exemplo, nesse viés mecanicista, deveríamos conhecer o corpo como objeto de conhecimento para a seguir reconhecê-lo como parte das experiências do mundo e, finalmente, compreendê-lo como parte integrante da minha existência e dos meus posicionamentos, exatamente nessa ordem.

Não é assim que acontece. Bakhtin (2010) pode nos auxiliar a entender melhor os processos de objetivação e subjetivação. O próprio Kant (2009) nos fala sobre o objeto e o sujeito do conhecimento, entretanto, em uma perspectiva onde o sujeito seria preexistente. Nos limitemos a Bakhtin: objetivar é conhecer o outro, que lhe é exterior, subjetivar é conhecendo o outro retornar ao nosso interior, retorno o qual possibilita a objetivação do interior e a subjetivação em nós do outro. Portanto, objetivação e subjetivação são processos contínuos de ida e vinda entre o interior e o exterior, entre o eu e o outro. Mas o que seria exterior sem a materialidade do corpo?

Segundo a leitura de Fonseca (2003) feita sobre Foucault, a objetivação corresponderia construção e identificação de representações sociais e coletivas. Esse processo constrói e mantém funções sociais a serem ocupadas pelos sujeitos a partir de “formas estáveis do visível e do enunciável” (FONSECA, 2003, p.35), saberes. A subjetivação corresponderia aos

processos pelos quais o indivíduo se identifica ou não com essas objetivações, essas representações, ou a forma como ele se identifica, as suas singularidades. Essas singularidades e essas diferentes formas de subjetivação são apenas possíveis porque os sujeitos estão imersos em relações de poder cotidianas, nas quais uma relação de força entre as posições e os saberes produz esses sujeitos idênticos ou não a si mesmos.

Veiga-Neto (2007) explicita que durante o seu percurso teórico Foucault determinou três modos de subjetivação do sujeito, os quais se equiparam ao seu desenvolvimento metodológico e as três fases nas quais é dividida toda a sua obra: a objetivação do sujeito em relação aos campos de saberes, o ser-saber trabalhado em sua fase arqueológica; a objetivação do sujeito em práticas de poder que o categorizam, o ser-poder, trabalhado durante a fase genealógica; e a subjetivação de um indivíduo que toma consciência de si, o ser-consigo, trabalhado durante a ética.

Em nosso trabalho nos renderemos aos mecanismos de objetivação, os quais se relacionam aos saberes construídos sobre o sujeito aluno e o seu corpo e se relacionam aos processos de alteridade e categorização estabelecidos em relações de poder materializadas nos próprios enunciados. Segundo Foucault (2009), a alteridade é aquilo que nos delimita, portanto, limita o eu do outro e o outro dos outros. Cabe a nós, desse modo, estudar as práticas discursivas e não-discursivas que revelam quem é esse sujeito aluno e que corpo é esse que possibilita a produção desse sujeito.

Desse modo, concordamos com Veiga-Neto (2007) quando ele enuncia que Foucault toma o conceito de sujeito em suas duas apropriações: *sujeito a* e *sujeito de*. O sujeito é tanto assujeitado às possibilidades estabelecidas pelos processos de objetivação quanto é sujeito de seu autoconhecimento e de suas singularidades. Para o sujeito sempre há determinadas possibilidades de representações sociais com as quais ele pode se identificar, mas ele estabelece as maneiras como irá realizar essa identificação.

2. Ser carne para ser sujeito.

É o próprio Foucault (2007) quem afirma o corpo como aquilo que temos de mais concreto, desse modo, é através dele que se estabelecem as relações entre os sujeitos, as relações cotidianas, as relações de poder. Em *Poder-corpo* (2010), Foucault discorre sobre a relação do corpo com as diferentes estratégias pelas quais o poder se manifesta. Para a soberania o corpo é a própria representação da realidade e da organização política, tanto que os castigos dos súditos eram castigos corporais, a carne deveria ser rasgada para vingar a rebeldia contra o soberano.

A partir do século XVIII e mais intensamente no século XIX, o suplício do corpo é substituído pela assepsia. Com o desenvolvimento industrial o corpo intensamente castigado passa a ser compreendido apenas como uma força de trabalho a menos. Desse modo, cuidar do corpo, das doenças, da sexualidade era gerir o indivíduo e torná-lo um corpo útil e dócil para a sociedade. Ou seja, um indivíduo com grande força produtiva e pequena força política. Esse mesmo aparelho industrial possibilitou a categorização dos sujeitos e dos seus corpos em normais e anormais.

Contemporaneamente, os discursos sobre o corpo e sobre os objetos de saber em geral não enfocam apenas o aspecto de controle, mas de estímulo. Não se trata de cuidar do corpo para ser saudável, mas para ser saudável e belo. Estimula-se a população a seguir as normas. Em uma sociedade em que o visível é essencial e a imagem, por ser imediata, estimula mais o público, o corpo é a própria transparência dos sujeitos. Realizar uma plástica seria transformar o espírito, cortar um cabelo seria o início de um período de tomadas de posição, fazer uma tatuagem é ser um rebelde e um cidadão ativo.

Segundo Mendes (2006), o corpo em Foucault é primeiramente um ente material, portanto, o corpo é preexistente ao sujeito, ele é matéria. Seria o corpo o caminho para a subjetivação e a superfície para a materialização das relações de poder. Além disso, o corpo também é afirmado como caminho de objetivação, visto que através dele o sujeito torna-se um objeto de conhecimento para os outros. Os seres humanos compartilham um corpo em comum, com funções e estruturas semelhantes, desse modo, possuem possibilidades que se entrecruzam. No entanto, é esse mesmo corpo que os define como indivíduos separados dos outros.

Desse modo, podemos afirmar como impossível ou inadequada a análise dos sujeitos ou dos processos de subjetivação que não tenha a compreensão de que os sujeitos são empíricos, são carnis e singulares. Ao afirmar, por exemplo, que tal discurso só poderia ser enunciado por um professor não estamos afirmando que essa é a única possibilidade de enunciação dessa posição de sujeito, mas sim que através do entendimento das relações de saberes e poderes, as quais envolvem o campo educacional, tal enunciado corresponderia a uma representação dessa função compartilhada pela sociedade.

Vejamos, portanto, que corpo é esse divulgado nos enunciados selecionados, o qual corrobora para a constituição do sujeito-aluno. Que intensidade e como o corpo é abordado na escola brasileira como um participante dos processos de conhecimento e formação do indivíduo ideal para uma sociedade ideal.

3. O corpo na sala de aula.

Iniciemos nossa leitura com uma propaganda de uma escola particular em Goiânia¹, chamada Colégio Einstein. Há a figura de uma criança com os cabelos arrepiados, bigode e língua para fora retomando a conhecida figura do Cientista da relatividade, o qual dá nome à instituição de ensino. Ao lado há a figura de uma maquete do espaço, logo abaixo o slogan: “O primeiro projeto de um grande Gênio começa na Escola.” A presença da maquete indica que nessa escola o aluno poderá realizar suas experiências e participar da construção de seu conhecimento.

Entretanto, o enunciado não enfoca a construção de um projeto científico, mas a constituição de um indivíduo, a formação de um pequeno gênio, de um aluno ideal, pronto para as exigências intelectuais do mercado. Há tempos é divulgada pelos meios de comunicação a falta de qualificação como responsável pelo desemprego ou pelos baixos salários. Além disso, não se trata apenas de ser um destaque no vestibular, como se enfatiza em algumas peças publicitárias, mas de ser um sujeito que representa uma revolução na história da humanidade.

A imagem da criança retoma a foto conhecida de Einstein, contudo, mais do que retomar a sua figura, esse enunciado produz a inscrição da marca do cientista sobre o corpo da criança. A inteligência e o brilhantismo destacam-se no próprio corpo, o qual evidencia os alunos dessa escola como diferentes dos demais, seriam “anormais produtivos”. O corpo, nesse caso, é o meio pelo qual se separam os indivíduos, se categorizam os sujeitos por suas aptidões. A separação dos indivíduos por suas capacidades físicas e mentais não é uma prática nova na escola brasileira. Vejamos um trecho do *Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova*, publicado em 1932:

De fato, se a educação se propõe, antes de tudo, a desenvolver ao máximo a capacidade vital do ser humano, deve ser considerada "uma só" a função educacional, cujos diferentes graus estão destinados a servir às diferentes

¹ Imagem disponível no site da *Mega Model Agency* em Goiânia, acessado em outubro de 2011.

fases de seu crescimento, "que são partes orgânicas de um todo que biologicamente deve ser levado à sua completa formação". Nenhum outro princípio poderia oferecer ao panorama das instituições escolares perspectivas mais largas, mais salutar e mais fecundas em conseqüências do que esse que decorre logicamente da finalidade biológica da educação.

Nesse trecho podemos observar a ênfase em preparar o indivíduo para a vida, desse modo, prepará-lo para todas as suas fases orgânicas e mentais, bem como respeitar as suas exigências biológicas. Mais a frente o Manifesto determina a construção de escolas para cegos, surdos, mudos, deficientes físicos, débeis mentais e as aulas de educação física são organizadas de acordo com as fichas anatômicas dos alunos. Os alunos são separados por tamanho, sexo, força, capacidades. Em outro trecho, observamos a regulamentação do corpo como o meio pelo qual o indivíduo torna-se solidário aos outros:

A educação nova que, certamente pragmática, se propõe ao fim de servir não aos interesses de classes, mas aos interesses do indivíduo, e que se funda sobre o princípio da vinculação da escola com o meio social, tem o seu ideal condicionado pela vida social atual, mas profundamente humano, de solidariedade, de serviço social e cooperação. A escola tradicional, instalada para uma concepção burguesa, vinha mantendo o indivíduo na sua autonomia isolada e estéril, resultante da doutrina do individualismo libertário, que teve aliás o seu papel na formação das democracias e sem cujo assalto não se teriam quebrado os quadros rígidos da vida social. A escola socializada, reconstituída sobre a base da atividade e da produção, em que se considera o trabalho como a melhor maneira de estudar a realidade em geral (aquisição ativa da cultura) e a melhor maneira de estudar o trabalho em si mesmo, como fundamento da sociedade humana, se organizou para remontar a corrente e restabelecer, entre os homens, o espírito de **disciplina, solidariedade e cooperação**, por uma profunda obra social que ultrapassa largamente o quadro estreito dos interesses de classes. [grifo nosso].

Enquanto no movimento Escola Nova as singularidades dos corpos são utilizadas para benefício de uma formação completa e de uma utilização adequada dos sujeitos para a sociedade, a propaganda de 2011 evidencia o destaque e não a solidariedade. O *Manifesto dos Pioneiros* afirma o caráter não egocêntrico da educação e a categorização dos alunos respeitando as diferenças corporais para que elas sejam melhor aproveitadas para o equilíbrio social. Outra possibilidade de analisarmos a relação entre o corpo e a constituição do sujeito-aluno é estudando enunciados sobre o bullying:

Aprender a lidar com a própria imagem é o primeiro passo: [...] “ Essa é a época de aprender a lidar com a própria imagem. Se essa criança se conhece e gosta de como é, consegue manifestar sentimentos e pensamentos de maneira equilibrada. Do contrário, pode sentir prazer em menosprezar o outro para se afirmar.” Logo em seguida, juntamente com a entrada na adolescência, vem a necessidade de pertencer a um grupo. Nesse momento, basta sair um pouco do padrão (alto, baixo, gordo, magro) para ser provocado.²

² Reportagem divulgada pelo blog Violência Virtual – “Bullyng”, em agosto de 2010.

Nessa reportagem uma especialista em educação aborda as necessidades de identificação de acordo com a fase orgânica e mental na qual o indivíduo se encontra. De acordo com a especialista, a criança possui uma maior facilidade em conviver com o diferente, pois está na fase da curiosidade e da experiencição do outro. Na adolescência, ao contrário, os sujeitos buscam identificar-se e inserir-se em grupos, é preciso ser semelhante com o outro. Assim, as diferenças físicas, comportamentais e mentais acabam por ser elementos de segregação. O destaque, diferentemente do que vimos na leitura da propaganda e do Manifesto de 32 não é benéfico para aquele que o sofre, pois não se trata de uma diferença produtiva e nem de respeito às suas singularidades, ele corresponde a uma anormalidade.

4. Reflexões para uma leitura do corpo-aluno ou aluno-corpo.

É indiscutível que a escola ou o campo educacional sejam compreendidos como um lugar institucional no qual os sujeitos entram em contato com múltiplos discursos e saberes. Inserida socialmente e historicamente, a escola não se isenta das verdades produzidas pela sociedade. Assim, por mais que os discursos educacionais ou pedagógicos sejam vistos como discursos que resistem a uma mudança, eles se movimentam e estabelecem diferentes verdades sobre os objetos, como por exemplo, o corpo e mesmo o sujeito.

Contemporaneamente, o corpo é colocado em evidência como aquele que permite o contato imediato com o outro, é no jogo das aparências que se conhece o outro e a si mesmo. As aparências são a evidência do interior do sujeito. Do mesmo modo, na escola o corpo do aluno evidencia o seu comportamento, as suas dificuldades, o grupo ao qual pertence, a classe social, o bairro, o estilo de música. O corpo evidencia ainda a proibição e o tabu: nenhum aluno em nossas escolas públicas aparece vestido de menina, mas pode ir à escola descalço. Nenhum deles pode expor demasiadamente a sua deficiência física, mas pode ir à escola com fome e expor um corpo quase esquelético.

O que estaria em foco, o corpo ou o sujeito? Há sujeito sem corpo? Há corpo sem sujeitos. O corpo é a matéria que preexiste ao sujeito, é o elemento que nos permite o contato e a percepção do mundo. Portanto, através do corpo somos inseridos nas relações de poder e alteridade. Entretanto, não podemos entender o caráter de alteridade apenas como positivo, a alteridade também exclui e segrega de forma negativa. Atualmente, o normal é primar pela eficiência, pela qualidade. Não basta viver, basta viver bem. Não basta ser estudioso, é preciso ser um gênio. Não basta ser saudável, é preciso ser belo. Não basta ser belo, necessita-se ser magro.

A sociedade atual requer cada vez mais uma atitude dos sujeitos. Há uma insuficiência constante e o corpo deve se preparar para suprir todas as exigências. Os indivíduos devem estar sempre aptos a praticar alguma atividade, o ócio produz o relaxamento do corpo, o enrijecimento, talvez a velhice ou a morte precoces. Que aluno é esse que temos produzido? Que corpo é esse que temos compreendido? O corpo seria então cada vez mais uma máquina entre máquinas, uma superpotência. Talvez o corpo venha perdendo aquilo que ele teria de mais essencial: a sua sensibilidade, a sua memória.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, F. *et alii*. *O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932)*. Disponível em: <<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/heb07a.htm>>. Acesso em: 06 jul. 2011.
- CARDIM, L.N. *Corpo*. São Paulo: Globo, 2009.

- BAKHTIN, M. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução por Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João editores, 2010.
- FONSECA, M. A. A preocupação com o sujeito e o poder. In: _____. *Michel Foucault e a constituição do sujeito*. São Paulo: EDUC, 2003. p. 21-38.
- FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Tradução por Luiz F.B. Neves. 7.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- FOUCAULT, M. Poder-corpo. In: _____. *Microfísica do poder*. Tradução por Roberto Machado. São Paulo: Graal, 2010. p. 145-152.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir*. Tradução por Raquel Ramallete. 16.ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- KANT, I. *Crítica da razão pura*. Tradução por Lucimar A.C. Anselmi e Fulvio Lubisco. São Paulo: Martin Claret, 2009.
- LE BRETON, D. *A sociologia do corpo*. Tradução por Sonia M.S. Fuhrmann. 4.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- MENDES, C. L. O corpo em Foucault: superfície de disciplinamento e governo. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, n. 39, p. 167-181, Abril de 2006.
- MONTEIRO, B. K. *et alii*. Violência virtual – “bullyng”. Disponível em : <<http://violenciavirtualjp.blogspot.com/>>. Acesso em: set. 2011.
- VEIGA-NETO, A. *Foucault e a educação*. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.